

Duan Kissonde. *Água de meninos*. Porto Alegre: Taverna, 2020. 88 p.

ISBN: 978-65-991037-1-1

ÁGUA DE MENINOS PARA QUEM TEM SEDE

“Cosme e Damião/Damião, cadê Doum? /Doum tá passeando/é no cavalo de Ogum!” Trago esse ponto de Umbanda para responder quem é Doum, o jovem negro desenhado na capa do livro do poeta gaúcho Duan Kissonde. A leitura inicia nessa imagem: no centro, Doum está num altar rodeado por diversas palavras.

Doum ou Idowu é considerado o protetor das crianças até sete anos de idade e faz parte da família dos Ibejis (crianças em Iorubá). A ilustração é de Santiago Pooter e é inspirada no estandarte *“Eu preciso destas palavras escritas”* do artista negro Arthur Bispo do Rosário.

E quais são as palavras de que o poeta precisa? Entre vários nomes próprios, reconhecemos algumas: *Oliveira Silveira, Colônia Africana, Mãe Preta, Sankofa, Ilhota, Zaire, Pemba, Ubuntu, Os Malês*. Essas são palavras de origem africana e que remetem aos territórios negros de Porto Alegre e personagens históricos. Algumas delas são títulos dos poemas reunidos.

Kissonde é cria da periferia da zona leste de Porto Alegre, o bairro Quinta do Portal na Lomba do Pinheiro; onde ele nasceu, vive e escreve suas palavras. Seus ancestrais e sua família também são as personas dos poemas das narrativas líricas de Duan. É Literatura Negro-Brasileira como afirma o poeta e Doutor em Literatura, Cuti Silva. E eu, confirmo: é Literatura Negro-Gaúcha.

A primeira parte é intitulada “PEMBA – Do pó se faz cipó”. Pemba é um giz usado ritualisticamente nos cultos de matriz africana no Brasil para a escrita dos nomes sagrados dos Orixás. A metáfora alçada por Duan é mais que referência às suas crenças,

é a certeza de que para o poeta toda palavra é sagrada. Assim, o poema visual da capa é justamente a afirmação de uma escrita negra que não tem tempo nem espaço.

Quilombhoje

Para Beatriz Nascimento

Todo preto, todo negro
é um potencial Zumbi
Toda preta, toda negra
é uma potencial Dandara
Quilombola
Congo, Angola
Coisa boa, joia rara
Serra da Barriga
Cantagalo, Vila Fundão, Restinga
Todo morro e favela é quilombo
Samba de roda, umbigada, jongo
Todo morro e favela é quilombo.

Protegido pelos heróis da resistência negra no Brasil, o poeta existe e resiste na palavra. Convocando de Angola a cultura quimbundo que foi fissurada na travessia do Atlântico, a identidade negra também se amalgama com a ancestralidade indígena nas Américas. Para expressar isso, Duan lança mão de diversos poemas visuais ao longo do livro, como esse que oferta à intelectual Lélia Gonzales

**para lélias
américa
áfrica
améfrica
ame áfrica**

Essa primeira parte é uma grande afirmação de suas origens e de seu fazer poético. Oliveira Silveira, Beatriz Nascimento e Langston Hughes dão o compasso do ritmo da escrita de Kissonde: *“Rugido/...Poesia-palavra-fuga-revolução/o negro resiste! /... Sagrado segredo negritude...”*. Os poetas da oralidade trazem a sabedoria dos mais velhos, que cantam narrativas de vida e morte e lamentam todas as diásporas forçadas e necessitadas:

RIO 450 CAOS

(...)
A lua samba
A rua samba
(...)
Reflexão, Zé Kéti, Wilson das Neves
mandinga, ginga
Mestre Pastinha e Mestre Bimba
Resistência, poesia e malandragem

Porque quando o morro descer e não for carnaval
Vai haver griotagem!

Os literatos Machado de Assis e Carolina de Jesus são as pedras fundamentais dessa literatura que foi invisibilizada e “embranquecida” pelo cânone literário nacional. Duan Kissonde abriu seu ponto de poesia negra na roda do Sopapo Poético, sarau de referência afro de Porto Alegre voltado para os amantes da escrita de autoria negra. Junto com mais 18 poetas publicou a antologia “Preteessência” (Editora Libretos, 2016), cujo título também nomeia o seu poema:

Preteessência

Preta a essência que busco
Batuco no lusco fusco
Do meu próprio ser
Lapido, ancestralizo
Estudo e questiono
Com muita paciência
Mas jamais abandono
A minha preteessência.

CUPÓPIAS é a segunda parte do livro e é o nome que se dá a uma língua crioula de base portuguesa, com palavras de diversas origens africanas, ainda falada no quilombo de Cafundó, Salto de Pirapora, São Paulo. A sabedoria do jovem Duan vem do conhecimento situado, dos territórios sagrados e da ginga dos moradores dessa comunidade que fala essa língua secreta, principalmente na presença de pessoas estranhas.

ÁPORO DIASPÓRICO

Ao mestre com carinho
Um preto cava
cava sem alarme
perfurando a terra preta
sem achar escape.
Que fazer exausto
em país bloqueado?
Enlace de noite
raiz e minério
Eis que o labirinto
(Oh razão e mistério)
o preto desata:
Em verde sozinha
anti-hegeliana
uma favela forma-se.

A “Díaspera” (título de um poema) africana de Kissonde é o mapa onde o eu lírico se orienta para não se perder na violência colonial imputada diariamente contra os negros no Brasil. Não é só a violência que nos define. Há beleza no legado cultural dos

nossos antepassados, na música, na espiritualidade, na literatura que fazemos. Duan equilibra numa balança uma conta que não fecha: Negritude e racismo.

TRAVESSIA

Diáspora
crepúsculo e aurora
debruçados sob o infinito
horizonte exilado
mar
miragem e metáfora
linguagens de um mundo
cânticos do Atlântico
oceano
eterno retorno
terra, cais
quarto de despejo
de Caliban, Otelo e Dumas
milhares de Machados partindo
em navios de jamais
O mar-fim é ébano
O mar sem fim é calunga

Malandramente, formado e reformado na poética ocidental, o poeta dialoga, responde, Afronta (título de um poema) e instiga Drummond, Shakespeare, Augusto dos Anjos, Álvares de Azevedo, Oswald de Andrade, Mallarmé, Baudelaire e Ezra Pound. Novamente os nomes próprios aparecem como parte dessa construção lírica.

CRUZ INSOSSA

O maior poeta de todos os tempos
morreu na miséria
UM
miserê-total
Meu pai sempre me dizia:
Poesia não dá camisa
vai viver de quê?
de brisa?
(RA RA!)
E eu
por pura teimosia
me agarrei na poesia
como num colete salva-vidas
contraveneno
&
soro antiofídico
para este meu sonho intranquilo
chamado vida.

A poesia escrita ainda é pouco para Duan Kissonde expressar seus desejos, por isso, além de poemas concretos, o livro também traz fotografias. Kissonde está sempre dialogando com as artes visuais como a performance que apresentou em 2021 com o

artista plástico Leandro Machado na exposição que homenageava Cruz e Souza: “Vilões vilões violam violentam violas violões”, na Casa de Cultura Mário Quintana.

Os orikis (poemas invocações aos Orixás) também perpassam o livro com a filosofia iorubá, onde nada se faz, nada se realiza sem a presença do divino em nossas vidas. Esse é o segredo da obra que a poesia não esclarece ou melhor, “escurece”, porque o poeta brinca com as sonoridades da língua portuguesa (língua madrasta, como diz Conceição Evaristo) e as línguas quimbundo e iorubá, ora reverenciando, ora transgredindo o legado da poesia moderna.

Água de Meninos era um reduto, um bairro de Salvador, Bahia, onde, na era colonial, os escravos de ganho comercializavam seus produtos e se reuniam para possíveis fugas, e rebeliões. Esse território era uma baía, onde o mar da Bahia matou a fome e a sede do povo negro. Temos sede de poesia negro-brasileira e Duan sabe matar a nossa sede.

Ana dos Santos

Poetisa e doutoranda no PPGLet/ UFRGS

e-mail: ana.flordoalacio@gmail.com